


Rememorações sobre o Pinheiro Multissecular no sul do Brasil

Bárbara Birk de Mello

Doutoranda em Políticas Públicas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Porto Alegre, Rio Grande do Sul


Bolsista – PROSUC/CAPES

 <https://orcid.org/0000-0002-1713-2064>

E-mail: barbarabmello@gmail.com

Roswithia Weber

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul

 <https://orcid.org/0000-0001-5738-9035>

E-mail: roswithia@feevale.br

Resumo: O município de Nova Petrópolis, localizado no sul do Brasil, conta com um pinheiro que é um atrativo turístico há alguns anos. Tem-se como objetivo caracterizar as histórias e memórias em torno do Pinheiro Multissecular analisando as narrativas sobre as relações entre os grupos humanos e a paisagem onde ele se insere. Para tal, utilizam-se entrevistas, fontes documentais e bibliográficas. Entende-se que as narrativas são fundamentais para compreender a relação entre ações humanas e o ambiente, uma vez que o Pinheiro é agente na história vivida.

Palavras-chave: Pinheiro Multissecular; Nova Petrópolis; História ambiental; Memória; Patrimônio.

Memorials about the Multiseccular Pine tree in the south of Brazil

Abstract: The municipality of Nova Petrópolis, located in the south of Brazil, has a pine tree which has been a tourist attraction for some years. The objective is to characterize the stories and memories around the Multiseccular Pine Tree analyzing the narratives about the relationships between human groups and the landscape where it is inserted. To this end, interviews, documental and bibliographic sources are used. It is understood that the narratives are fundamental to understand the relationship between human actions and the environment, being that the Pine tree is an agent in the lived history.

Keywords: Multiseccular Pine Tree; Nova Petrópolis; Environmental history; Memory; Patrimony.

Texto recebido em: 27/03/2022

Texto aprovado em: 09/06/2022

Considerações iniciais

O Pinheiro Multisseccular situa-se na localidade de Linha Imperial, bairro interiorano do município de Nova Petrópolis, o qual é localizado no sul do Brasil, na

região da Serra Gaúcha. Este artigo tem como objetivo caracterizar as histórias e memórias em torno deste pinheiro, analisando as narrativas sobre as relações entre os grupos humanos e a paisagem onde ele se insere.

Metodologicamente, faz-se uso de fontes orais produzidas para o presente artigo. Foram entrevistadas cinco pessoas a partir de um roteiro semiestruturado, sendo que as mesmas não se opuseram a ter seus nomes identificados, mas, devido a questões éticas da pesquisa, optou-se pela utilização de nomes fictícios. A temática das entrevistas versou, basicamente, sobre as relações dessas pessoas com o Pinheiro Multissecular e atividades que ocorreram junto deste.

Cabe observar, ainda, que as entrevistas foram realizadas em um contexto de pandemia por COVID-19; assim, buscou-se maior segurança das autoras e dos entrevistados, optando por entrevistas de forma virtual ou presencial, seguindo os protocolos recomendados, e de acordo com a preferência dos entrevistados, sendo que apenas um preferiu que ela fosse de modo presencial. Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas e iniciou-se o processo de análise das mesmas¹.

O critério de escolha dos entrevistados seguiu as orientações de Alberti, não com relação ao elemento quantitativo, mas ao qualitativo, considerando “a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência” (ALBERTI, 2004, p. 31). Apresentam-se, a seguir, os perfis das quatro pessoas entrevistadas: João é um ex-vereador que colocou na pauta do legislativo a preservação do Pinheiro. É morador da localidade de Linha Imperial há 29 anos e tem sua residência próxima à árvore em questão. A entrevista com João contou com a participação de José, que é tio da esposa de João e neto do primeiro dono do qual se tem registro da área onde fica localizado o Pinheiro.

Outra entrevistada foi Maria, atual proprietária da área onde se encontra o Pinheiro Multissecular, que herdou de seu avô. Ela residiu na Linha Imperial durante sua infância, juventude e parte da vida adulta. Também foi entrevistado Luiz, que fez parte da equipe da Secretaria de Turismo do município de Nova Petrópolis entre 1997 e 2000, quando participou de algumas iniciativas de melhoria junto ao Pinheiro. Por fim, foi entrevistado Antônio, morador de Linha Imperial que conhece o Pinheiro desde os 10 anos de idade, e hoje tem 91.

A escolha pela História Oral se deu pois:

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas

e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. (JOUTARD, 2000, p. 34)

A História Oral se torna cada vez mais importante para a realização de estudos do tempo presente (ALBERTI, 2003). Assim, buscou-se abordar as entrevistas com a perspectiva de atentar para o fato de que as narrativas dos entrevistados trazem consigo o aspecto da memória, a qual não é apenas influenciada pelo passado, mas também pelo presente (SARLO, 2007). Nesse sentido, as entrevistas realizadas foram analisadas considerando que são compostas por memórias construídas no tempo presente.

Com relação ao objeto central do presente artigo, o Pinheiro Multissecular, parte-se da premissa teórica de buscar compreendê-lo em sua composição na paisagem, ou seja, a partir da relação entre natureza e sociedade. A primeira passa a ser vista como parte atuante, sendo agente na história vivida pelas sociedades humanas, e não algo inerte. Aqui, cabe lembrar os estudos vinculados à História Ambiental que surgem nos Estados Unidos da América na década de 1970, cuja preocupação é buscar uma compreensão do fenômeno histórico vendo a relação entre agentes humanos e naturais. Neste sentido, busca-se compreender como o pinheiro está inserido na paisagem e sua relação com a comunidade local, considerando diferentes contextos históricos, bem como sua relação com o turismo.

A História Ambiental vem ganhando espaço na produção historiográfica brasileira a partir de abordagens que entendem a natureza, considerando sua influência na sociedade e cultura humana (WORSTER, 2003). A presença da araucária ou pinheiro (*Araucaria Angustifolia*) é uma entre tantas das temáticas abordadas por esse campo de estudos, principalmente por estudiosos da região sul do Brasil — Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná —, devido à flora característica desta região.

Nesse sentido, destaca-se a dissertação de Carvalho (2006), que analisou o desmatamento das florestas de araucária na região do Médio Vale do Iguaçu, mais especificamente em um município de Santa Catarina e do Paraná. Ao final do estudo, apontam-se diversos fatores para o desmatamento crescente das florestas na região sendo os principais a construção de ferrovias e estradas — a exploração da araucária era uma das principais atividades econômicas do Sul do Brasil já no

início do século XX — e a partir do final do século XIX, a colonização europeia na região também acelerou o processo de desmatamento.

Já em Carvalho (2013), é levantada a discussão sobre os pinheiros no estado do Paraná e se são símbolos de identificação cultural ou emblema de uma história de desflorestamento. A autora concluiu que, apesar do pinheiro estar ameaçado de extinção devido ao intenso desmatamento na região desde o século XX, a imagem da árvore é um elemento presente na memória e identidade social e cultural dos paranaenses.

Assim, a originalidade da História Ambiental reside no fato de que ela busca colocar a sociedade na natureza, e aponta para a influência mútua que esta estabelece com a sociedade (DRUMMOND, 1991). Um dos conceitos-chave neste campo é a paisagem, pois, segundo Schama (1996):

Toda a nossa tradição da paisagem é produto de uma cultura comum (...) trata-se, ademais, ‘de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões’ (SCHAMA, 1996, p. 24) e que ‘paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre a mata, água, rocha’. (...) Cabe também reconhecer que, quando uma determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário. (SCHAMA, 1996, p. 70)

Logo, “a paisagem manifesta a historicidade do desenvolvimento humano, associando objetos fixados ao solo e geneticamente datados” (MORAES, 1988, p. 15). Ou, como coloca Santos, “o espaço é a acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 2004, p. 9). A conceituação de paisagem aqui trazida será essencial para a abordagem da temática do Pinheiro Multissecular da Linha Imperial, como veremos a seguir.

O local e características do Pinheiro

O município de Nova Petrópolis localiza-se no sul do Brasil, no Rio Grande do Sul, à distância de 87,7 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre. O município possui uma área de 291,079 km² e conta com uma população de 21.536 pessoas, segundo estimativa do IBGE (2020).

A inauguração da colônia de Nova Petrópolis deu-se em 1858, a partir do governo provincial de Porto Alegre. A colônia deveria receber o nome de “Petrópolis”

em homenagem ao imperador, porém, como ele já possuía residência no Rio de Janeiro com esse nome, a área foi denominada Nova Petrópolis (SCHMITZ, 1975).

O Pinheiro Multissecular, que é foco deste artigo, encontra-se na localidade de Linha Imperial, fundada em 1862, que foi o eixo de crescimento do município até a década de 1950, quando, gradualmente, perdeu importância para o local que se encontra há 8 quilômetros de distância dali, onde é, atualmente, o centro turístico e comercial do município. Cabe afirmar que todos os entrevistados se referem ao Pinheiro como “pinheiro grosso”, assim como o fazem os moradores de mais idade do local, como observado por uma das autoras que mora na região desde os quatro meses de vida.

Nova Petrópolis divulga-se a partir de dois cognomes: Jardim da Serra Gaúcha e Capital Nacional do Cooperativismo, sendo que a origem histórica deste segundo cognome está na localidade da Linha Imperial. Lá surgiu a primeira Cooperativa de Crédito da América Latina, fundada em 1902 pelo Padre Theodor Amstad, um missionário suíço e ordenado padre na Inglaterra.

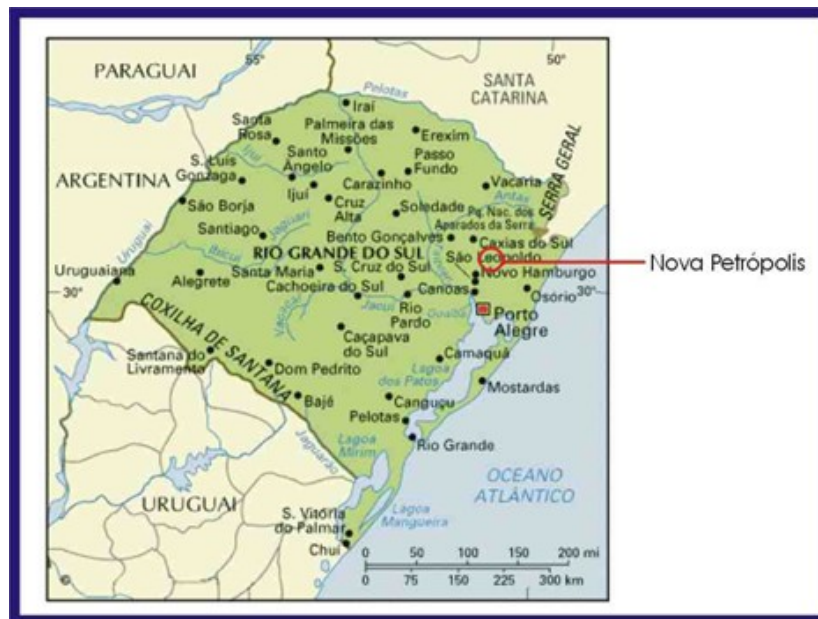
A casa onde fundou a Cooperativa, hoje conhecida como Cooperativa Sicredi Pioneira RS, recentemente foi restaurada e hoje abriga um pequeno Museu do Cooperativo e uma agência do Banco Sicredi, sendo ela um dos pontos turísticos do município. Também, a escola da localidade homenageia o Padre em seu título, “Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Amstad”, fundada em 1939, e abriga a maioria dos alunos de Linha Imperial.

Além disso, a praça do bairro foi feita em homenagem ao padre. A Praça Theodor Amstad, em frente à igreja, foi construída em 1942 e possui um busto condecorando o mesmo. Amstad faleceu em 1938, e seus restos mortais estão guardadas em um túmulo na frente da igreja local. Em dezembro de 2019, Pe. Theodor Amstad foi oficialmente reconhecido como Patrono do Cooperativismo no Brasil.

Atualmente, a Linha Imperial possui três mercados, uma igreja católica, uma praça, uma farmácia, uma Escola de Ensino Fundamental e de Ensino Básico, uma sociedade esportiva, uma agência dos Correios e dois hotéis: Hotel Vila Verde e Hotel Schoeler. Cabe observar que o último, hoje denominado Imperial Parque Hotel, foi fundado em 1953, período em que Linha Imperial era o centro comercial de Nova Petrópolis, e foi o primeiro hotel do município de Nova Petrópolis, contando com o estatuto de patrimônio tombado em âmbito municipal. O Pinheiro

Multissecular, que é tema deste estudo, encontra-se há cerca de um quilômetro dos locais acima mencionados.

A seguir, há uma imagem da localização de Nova Petrópolis dentro do estado do Rio Grande do Sul e uma fotografia do Pinheiro Multissecular na década de 1930, que foi disponibilizada por um dos entrevistados.

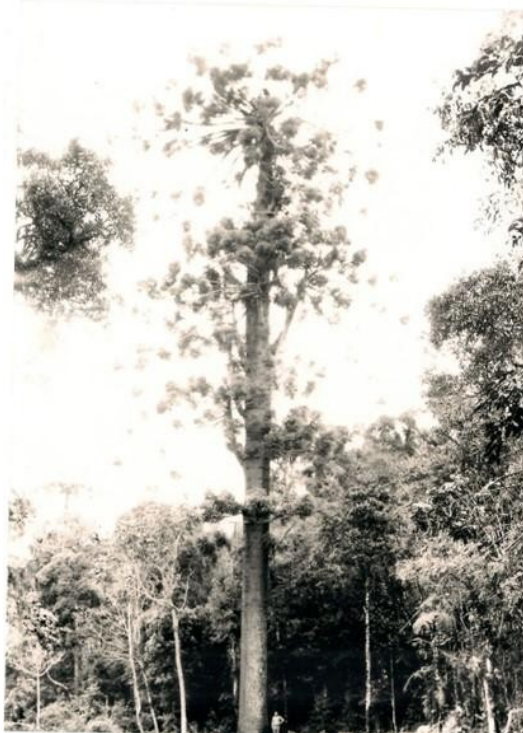


Fonte: http://apoema.com.br/diario_de_bordo_Apoema.htm

FIGURA 1
Mapa do Rio Grande do Sul

O pinheiro, da espécie *Araucaria Angustifolia*, é característico da Floresta de Araucária, sendo que essas florestas estão concentradas na região sul do Brasil (SCIPIONI *et al.*, 2019). A espécie está criticamente ameaçada de extinção (THOMAS, 2013), sendo este mais um dos motivos para a preservação do mesmo.

Segundo entrevista realizada com João (2021), foi realizada uma ergonomia na década de 1930, e o Pinheiro teria 50 metros de altura, mas, naquele momento, não foi medido seu diâmetro. Já em um folheto informativo feito pela Prefeitura de Nova Petrópolis por volta de 2005, consta que o pinheiro possui 45 metros de altura e que sua espessura equivale ao círculo formado pelos braços esticados de sete pessoas adultas.



Fonte: Acervo pessoal de um dos entrevistados.

FIGURA 2
Pinheiro Multissecular na década de 1930

Em estudo de Scipioni *et al.* (2019), o Pinheiro Multissecular foi elencado como a décima araucária gigante com maior diâmetro à altura do peito (DAP) da região sul do Brasil e a segunda do estado do Rio Grande do Sul, ficando atrás, somente, do Pinheiro Grosso, em Canela². O estudo elencou 21 árvores com diâmetro à altura do peito (DAP) maior que 1,60 m. O Pinheiro Multissecular possui altura de 35,1m., diâmetro à altura do peito (DAP) de 2,07 m. e circunferência à altura do peito (CAP) de 6,51 m., segundo a pesquisa.

Segundo Scipioni *et al.* (2019), pinheiros maduros têm entre 20 e 50 metros de altura e um tronco único, ereto e cilíndrico, medindo entre 0,5 e 2,4 m. de diâmetro, sendo que, no mínimo, dois terços da copa da árvore carecem de ramos laterais, fazendo com que sua copa seja em forma de cálice. Essa característica geral também se aplica ao Pinheiro Multissecular na localidade de Linha Imperial.

Esses pinheiros são árvores que existem há muitos séculos, sendo provavelmente a espécie mais antiga da flora brasileira, segundo Basso (2010). Elas surgiram no Jurássico e foram dominantes na era mesozoica com um grande número de espécies, mas, na era terciária, a maioria das espécies foi se extinguindo. Hoje, existem 14 variações dela pelo mundo.

Esse patrimônio natural tem uma importância fundamental, visto que há apenas uma espécie de araucária no Brasil: a *Araucaria Angustifolia*, ou Pinheiro do Paraná. Essa espécie se encontra, atualmente, apenas no Hemisfério Sul e se desenvolve apenas em regiões com invernos rigorosos e verões brandos.

Contudo, a importância desse pinheiro e da paisagem onde está inserido não se dá apenas por suas características morfológicas, mas também pela constituição que formam na paisagem com suas determinações culturais. Nesse sentido, pode-se destacar as palavras de Berque (apud Meneses, 2002, p. 32): “A paisagem não é um objeto. Para compreendê-la (...), é preciso também conhecer as determinações culturais, sociais e históricas da percepção- isto é, aquilo que constrói a subjetividade humana”. A seguir, estão as relações do pinheiro com a paisagem e com a interação humana.

Um patrimônio em risco: no passado e no presente

Woortmann (1994) aponta que, assim como o patrimônio, a memória também não é presa ao passado, e se formula a partir de uma visão do presente. Logo, patrimônio e memória são noções do agora. A memória é central na medida em que “é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLACK. Apud. WOORTMANN, 2000, p. 234).

Os entrevistados rememoraram alguns episódios do passado, trazendo para discussão o quanto o patrimônio natural é indissociável da atividade humana, e, portanto, comporta sua relação enquanto se insere numa paisagem específica. Assim, pode-se retomar a discussão de Verena Winiwarter (2010) acerca das características da história ambiental:

Tudo o que acontece não tem somente um ‘quando’, mas também um ‘onde’, determinando a sua qualidade e a sua importância. Isto poderia soar como algo óbvio, contudo, os lugares não figuram tão proeminentemente na história como as pessoas. A História Ambiental, preocupada com as interações entre a natureza e as sociedades humanas do passado, dá importância ao lugar e tenta associar a história humana com os sistemas naturais. (WINIWARTER, 2010, p. 2)

A reconstrução da história através das fontes orais destaca a interação ente natureza e as sociedades humanas. A relação entre o Pinheiro e os moradores foi referida na entrevista com João e José (2021), quando o Pinheiro Multissecular

passou por um processo de doação, felizmente malfadado, para o Seminário São José da Diocese de Porto Alegre. Ambos os entrevistados relataram que, no ano de 1932, o pai de José, então proprietário da área onde ficava o Pinheiro, ofereceu o mesmo para a construção da Catedral de Porto Alegre.

As pessoas que arrecadavam as doações agradeceram o presente, mas não puderam aceitá-lo, devido à dificuldade que seria cortar e levar toda a madeira para a capital do Rio Grande do Sul. Por isso, a família, em vez de ceder a árvore, optou por doar a quantia de 300.000 réis ao Seminário. José contou, com orgulho, que tem guardado o certificado de doação. Dias depois da entrevista, José enviou o documento, onde consta o agradecimento pela “generosa doação” (SEMINÁRIO SÃO JOSÉ, 1932), por e-mail para as autoras.

José (2021) destacou que seu pai teria dito: “mas agora o pinheiro grosso não vai mais ser derrubado, agora ele vai ficar ali. Isso foi o que ele falou naquele dia. E hoje está lá o pinheiro milenar” (JOSÉ, 2021). Por certo, o Pinheiro não tinha o *status* de patrimônio naquele contexto.

José, no final de seu relato, lembrou que: “depois a Prefeitura de Nova Petrópolis soube disso e disse que um pinheiro desses tem que ter um aval maior, então fizeram um grande monumento de pedra e colocar assim: esse pinheiro é imune ao corte, então não pode por ninguém ser cortado” (JOSÉ, 2021).

De fato, até que esse monumento de metal cravado em pedra fosse inaugurado, passaram-se 50 anos após a tentativa de doação. A placa foi colocada em uma pedra ao lado do Pinheiro Multissecular em 27 de setembro de 1982, inaugurando oficialmente o espaço para visitação e prometendo proteção à árvore. Nela, lê-se:

Como sentinela, por mais de 500 anos, nos contemplas, por séculos, simbolizas nosso Sul, em louvor ao pai, estendesse teus ramos aos céus. Em ato de perdão aos homens, ofereces os frutos teus. Agora ó araucária, aqui estamos, diante da mãe terra, na festa anual das árvores de 1982, para agradecer-te e jurar: honraremos nossa espécie, defendendo a tua. Protegendo o nosso chão. Como autêntico símbolo da ecologia no Sul, o prefeito de Nova Petrópolis, Ewaldo Michaelsen, declarou-te, nesta data, imune ao corte. Fica perpetuada a gratidão da nossa geração, aos proprietários destas áreas, pois passará o tempo e tu, árvore símbolo, permanecerás como testemunho do nosso esforço na conservação dos recursos naturais, protegendo o nosso chão. (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PETRÓPOLIS, 1982)

Segue uma foto para melhor ilustrar o local, onde a placa foi inserida em uma pedra, e sua proximidade com Pinheiro, sendo que esta imagem retrata o atual estado da árvore:



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 3
Pinheiro Multissecular hoje

Certamente, a memória do que poderia ter acontecido ao Pinheiro na década de 1930 inspirou o texto presente próximo à árvore: trata-se do juramento de defesa e a declaração de que o pinheiro estaria imune ao corte. Em 1998, 16 anos após a inserção da placa, foi feita uma nova intervenção do poder municipal para melhorar o acesso ao Pinheiro.

A gestão da prefeitura colocou duas placas para sinalizar o início da trilha que segue para o pinheiro, trajeto de cerca de 50 metros. Consta, nas placas, a seguinte descrição: “Este bravo Pinheiro recebeu os imigrantes de braços abertos e permanecerá no futuro abençoando seus descendentes” (PREFEITURA DE NOVA PETRÓPOLIS, 1998). Segue:



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 4 **Placa de descrição do Pinheiro Multissecular**

A frase faz referência aos imigrantes vindos da Alemanha, os quais são constantemente rememorados nos espaços turísticos de Nova Petrópolis, na busca por reafirmar a importância da colonização alemã na cidade e promover o turismo (SOUZA, 2005). Ao lado dessa placa, há outra, em metal, presa a uma pedra, que homenageia a família Grings e os que se empenharam na preservação do Pinheiro ao longo dos anos (PREFEITURA DE NOVA PETRÓPOLIS, 1998).

A deferência à família se deve ao fato do Pinheiro Multissecular não se encontrar em área de terra da Prefeitura, mas, sim, em uma propriedade privada. Segundo Maria (2021), as terras onde fica o Pinheiro estão na sua família desde o tempo de seu bisavô, que as passou adiante para um de seus filhos, chamado José. Em 1953, o pai de Maria comprou do parente alguns hectares, e nesses está localizado o Pinheiro.

Antônio (2021), um dos entrevistados, atualmente com 91 anos de idade, rememora aspectos relativos ao passado do Pinheiro:

E a *história* (grifo nosso) conta que o velho Grings Johan comprou essas terras e já está a cinco gerações na família. Então eles tinham uma serraria, o velho Grings, e tinham empregados, e peões que ajudavam. E eram muitos pinheiros, Linha Imperial era tudo pinheiros. Então os funcionários tinham dito de manhã: 'Mas como é: vamos derrubar o grosso?' E ele achou: 'Não, mas enquanto nós derrubamos esse grosso, nesse tempo nós conseguíamos derrubar três ou quatro outros.' E por causa disso ficou o Pinheiro. Tu vê, a *história* (grifo nosso) fala isso. (ANTÔNIO, 2021)

O entrevistado reforça que é a própria história que conta o episódio e, a partir do seu relato, vê-se que as narrativas do passado não são monopólio do historiador; o narrador se isenta ao dizer que a história fala isso. De certa forma, trata-se de não se comprometer com a informação. Também o termo *história* serve num momento em que se traz algo do passado cujo ajuste se faz necessário no presente, pois expor que o Pinheiro também poderia ser destruído não convém no contexto atual. Assim como aponta Thomson (1997), a reconstrução das memórias envolve um processo de transformação da experiência lembrada, marcado pela relação entre passado-presente.

Cabe observar que, na própria localidade em que se encontra o Pinheiro, havia duas serrarias que eram o pólo de trabalho, no início da colonização, por volta de 1858. Uma dessas encontra-se abandonada próxima ao local onde a árvore em questão se encontra.

Ao longo do processo colonizatório, o Pinheiro, localizado em Linha Imperial, “é uma das últimas testemunhas mudas de um domínio que desmoronou sobre os golpes impiedosos dos machados dos imigrantes” (SCHMITZ, 1975, p. 24). Convém ressaltar que o tom da análise de Schmitz (1975) aponta para um processo colonizatório depredador, que rompe com as narrativas idílicas desses processos. Comumente, tem-se uma versão heroica do processo de colonização; no entanto, juntamente com o heroísmo de sobreviver em terras novas, foi preciso lidar com a natureza, sendo que a derrubada de árvores como pinheiros forneceu material para a construção das primeiras casas. O próprio caso da quase-doação deste Pinheiro para a construção do Seminário mostra que o panorama era pragmático.

Schmitz (1975) aponta que conversou com José, antigo dono, e este “declarou que outros (pinheiros), houve maiores e mais bonitos, de troncos mais limpos e parelhos.” (SCHMITZ, 1975, p. 86). Assim, percebe-se que esta paisagem, ao longo do tempo, passou por diferentes interações em que os moradores se apropriavam no passado.

Cabe observar que Antônio (2021) teve uma participação no estudo de Schmitz (1975). O entrevistado conta, com alegria e orgulho, que posou para uma fotografia ao lado do Pinheiro a pedido de seu amigo, autor do livro “Uma nova imagem para Nova Petrópolis”, quando tinha em torno de 30 anos, ou seja, por volta de 1960. Essa fotografia, justamente, integrou o livro. Sobre essa memória ele conta:

O Padre Arsênio mediu o Pinheiro naquela época e ele escreveu sobre o Pinheiro e eu estava junto. Aí ele disse: 'Vai aí no tronco e eu vou tirar uma foto.' E eu nem sabia que isso ia para o livro. Daí quando ele lançou o livro, eu olhei e era eu. É uma lembrança. Os outros vão saber depois. (ANTÔNIO, 2021)

Esta é a fotografia que ilustrou o livro “em que ele está dentro”. A importância para Antônio (2021) de que ele ficou marcado na história do Pinheiro é explícita quando ele afirma que “os outros vão saber depois”, também considerando a forma como mostrou para a entrevistadora o livro e, nele, sua fotografia, com muito orgulho.

Antônio (2021) tem uma forte conexão com o Pinheiro, mas nem toda a comunidade de Linha Imperial e Nova Petrópolis partilha do mesmo sentimento. As relações entre a comunidade de Nova Petrópolis e o Pinheiro foram mudando ao longo dos anos, ao passo que o olhar externo passou a ser importante na valorização desse patrimônio natural, como se verá a seguir.



Fonte: Retirada do livro de Schmitz (1985, p. 81).

FIGURA 5
Pinheiro Multissecular

O Pinheiro no passado e no presente, ao olhar exógeno e dos cidadãos (entrevistados)

Em meados da década de 1950, o local onde se situa o Pinheiro Multissecular passou a ser objeto do olhar de turistas. Conforme Meneses (2002, p. 32): “não há paisagem sem um observador. A percepção visual é, dessa forma, uma condição fundamental para a existência cultural da paisagem”. Os relatos que seguem trazem os observadores da paisagem.

Ao ser questionado sobre o que conhecia da história do Pinheiro Multissecular, João (2021) informou:

Eu tenho de quando era pequeno a narração do meu pai. Ele contou que ele abriu aquele mato lá em cima porque se falava do pinheiro grosso, que tinha um pinheiro grosso. Mas ninguém tinha acesso para lá, então ele mandou abrir um caminhozinho e lá em cima mandou roçar para se tirar uma fotografia e se colocar até no jornal naquele tempo. E o padre Rambo veio fazer um cálculo daquele pinheiro e disse que ele tinha em torno de 1.000 anos. Além disso, ele também calculou a altura porque com a trigonometria podia ver o ângulo, do chão se pode ver, então qual é a altura, eram 50 metros de altura. Então, naquele tempo já então, foi despastado e aberto o espaço para as pessoas virem visitar. (JOÃO, 2021).

289

Segundo João (2021), a abertura da roça da qual ele fala se deu em torno do ano de 1930. Após isso, aos poucos, o local passou a ser objeto de visitação de veranistas conforme Maria, João e José (2021). Maria (2021) traz suas memórias acerca da visitação ao Pinheiro:

Lembro que inicialmente era engraçado e divertido, especialmente para mim, então uma criança ainda analfabeta, sem falar português, e requisitada como ‘guia’ para os veranistas, como chamávamos os hóspedes do Hotel Schoehler. Ao final, saía um ‘troquinho’ para o meu cofrinho! (às vezes) (MARIA, 2021).

A popularização do automóvel e a presença de um hotel na localidade que atraía muitos turistas na época, o Hotel Schoeller, foram importantes para tal: “o Pinheiro passou a ser visitado inicialmente pelos hóspedes considerando a curiosidade em conhecer uma árvore tão alta e de tronco tão grosso. Aos poucos, provavelmente, o boca a boca tornou-o mais ‘popular’.” (MARIA, 2021).

Antônio (2021), ao se lembrar das memórias que tinha dos hóspedes do Hotel que visitavam o Pinheiro, conta que “vieram pessoas de tudo quanto é lugar, até japoneses naturais do Japão que tinham parentes no Brasil. Também vieram

peessoas do Rio de Janeiro e São Paulo que certamente ouviram falar do Pinheiro.” O entrevistado também narrou uma das vezes em que levou parentes para conhecer a árvore:

Era um parente nosso, eles vieram visitar a sogra e ficaram uns dias aí. Para mim eram gente bem bacana, mas eram do interior de Santa Catarina, de Concórdia. E fomos lá ver o Pinheiro e o homem ficou admirado. Ele era mais velho que eu, se hoje ainda vive deve ter uns 100 anos. Ele disse: ‘Eu vou procurar um cipó para mostrar para minha gente que o pau é tão grosso.’ Então ele entrou um pouco para dentro do mato e trouxe um cipó bonito e ele não era comprido que chegue. E o homem: ‘Bah, mas eu vou ter que procurar outro.’ E ele entrou de novo e trouxe um cipó maior e enrolou ao redor do Pinheiro, cortou bem no lugar certo e disse: ‘Esse cipó eu vou levar a Santa Catarina, Concórdia, para mostrar ao pessoal lá que tem um Pinheiro desta grossura. Se eu não levar a medida eles não acreditam.’ (risos) Então assim são as coisas. (ANTÔNIO, 2021).

Pode-se depreender desses relatos que o olhar exógeno, seja do turista ou do parente que mora em outra região, constitui-se num fator que contribui que os moradores compreendam que são portadores de um patrimônio a ser valorizado. Nesse sentido, destaca-se a reflexão de Peixoto (2002) que identifica o reconhecimento externo de um bem cultural como comum, dado que o habitante local, habituado com aquele bem, não reconhece que é titular de um patrimônio valioso. O autor indica que esse processo carrega um elemento irônico, pois o habitante passa a ser um agente de conservação de seus bens naturais a partir da sensibilização do outro, quando mostra ao elemento local que ele é titular daquele bem.

Meneses (2002) também aponta para a relação de construção da paisagem. Para esse autor, apesar da paisagem comumente conotar natureza e ruralidade, ela não está presente como tal no imaginário camponês tradicional (MENESES, 2002). Pode-se ver que quem valora o espaço rural, muitas vezes, são os visitantes externos, residentes do ambiente urbano.

Atualmente, Nova Petrópolis faz parte da Rota Romântica³, no entanto, o turismo já é desenvolvido no município desde o século XX. A procura por lugares como esse esteve ligada a fatores como o clima ameno; já, então, as primeiras pousadas e os primeiros hotéis foram sendo construídos.

Conforme Maria (2021), atual proprietária da área onde se situa o Pinheiro Multissecular, foi feito um acordo, em 1982, com a prefeitura, para manter a visitação do Pinheiro:

Houve um acerto – termo assinado por mim e que se encontra nos arquivos da Prefeitura - feito com a Prefeitura de Nova Petrópolis para a permissão do acesso ao Pinheiro, através de uma trilha previamente projetada e construída pela Secretaria de Turismo do município, com a qual concordei. Naquela época, o Pinheiro já era bem conhecido e recebia muitos visitantes. O Secretário de Turismo na época (...) tinha um interesse particular em incrementar o turismo no município. Passou então a ter um caminho de troncos limitadores e uma divulgação oficial pelos órgãos públicos municipais. Mas já se encontrava aberto à visitação há longos anos, embora extraoficialmente. (MARIA, 2021)

O entrevistado Luiz (2021), quando perguntado sobre a placa que foi colocada em 1982 pela prefeitura para identificar o local onde se situa o Pinheiro, destacou: “isso foi o prefeito Ewaldo Michaelsen, e foi bem colocada sobre como adoramos esse chão, adoramos esse Pinheiro. Isso foi o prefeito, bem que fizeram isso”. Aqui, o observador da paisagem é o cidadão, que justifica a placa pelo sentimento de apreço ao Pinheiro.

Em 1998, houve um novo movimento de preocupação da prefeitura em relação ao Pinheiro. Naquele ano, foram colocadas duas placas na entrada do espaço que leva até a árvore, cujo conteúdo foi analisado neste artigo anteriormente. Elas fizeram parte de uma ação da prefeitura para preservar o Pinheiro e aumentar sua visitação. Segundo o entrevistado Luiz (2021), que integrou a Secretaria de Turismo da Prefeitura naquele período, “o acesso ao Pinheiro sempre existiu, mas ele era bastante precário e era com uma passagem bastante difícil. Então, na época, foi alargada um pouco, foi melhorado para que pudesse ser transitável em qualquer dia do ano” (LUIZ, 2021).

Para que a prefeitura realizasse ações no local, foram feitas diversas reuniões com Maria e seu pai. Conforme Luiz (2021), as ações da Prefeitura foram as seguintes:

Começando lá embaixo na RS com uma sinalização (...), subindo o morro próximo da escola tinha sinalização. Lá dentro, principalmente no acesso final, foi feito todo um caminho com troncos de eucalipto para definir claramente quais eram os espaços que as pessoas podiam usar até chegar ao Pinheiro. A plataforma com degraus foi feita entrando no mato, com tábuas de eucalipto e mais próximo do Pinheiro cercando ele. (LUIZ, 2021)

Tanto em 1982, quanto em 1998, a preocupação foi em torno de uma sinalização básica mais voltada para infraestrutura local: vias de acesso,

sinalização turística, estacionamento e entorno e portão de entrada, por exemplo, e não tanto para uma concepção de interpretação do patrimônio em sua complexidade de fatores. Nesse contexto, Murta e Goodey (2002) apontam para interpretação como um elemento fundamental, quando é pautado especialmente na cultura e nas paisagens, contribuindo, de fato, para o desenvolvimento do turismo e transformando-o em excelentes produtos no mercado.

Atualmente, o acesso ao Pinheiro é dificultado devido à condição da estrada que leva até ele; além disso, o atrativo está distante do centro da cidade e de outros pontos turísticos do município. Do centro da localidade de Linha Imperial até o Pinheiro são cerca de 500 metros em estrada asfaltada e, depois disso, mais cerca de 200 metros em estrada de chão batido. O acesso ao Pinheiro se dá ao fim da rua, sendo uma estrada sem saída. Ao chegar ali, os visitantes têm um espaço para estacionar seu veículo e devem percorrer a pé cerca de 30 metros em meio a uma pequena trilha até chegar à árvore. Conforme João (2021):

Muitas pessoas já conhecem o pinheiro grosso por nós falarmos para eles, mas há muita gente que nem sabe o tamanho que ele tem, tanto é que, quando se chega no estacionamento que vai para o pinheiro grosso tem um cedro lá no mato, na roça e daí não foi uma vez nem duas que eu vi pessoas de São Paulo pensando que aquilo, aquela árvore era o pinheiro grosso. Daí eu falava que não era esse, era aquele lá em cima. Aí eles a*gradeciam por ter dado essa informação. Daí eles iam subir e voltavam maravilhados por terem visitado então o pinheiro que não era aquele que eles pensaram antes lá embaixo. E um já tinha ido duas vezes lá, até ele falou. Então a sinalização também deveria ser mais cuidada. (JOÃO, 2021)

Antônio e Maria (2021) também apontaram que muitos turistas não sabiam que tinham que seguir em uma trilha até chegar ao Pinheiro. Os entrevistados trouxeram suas preocupações com os visitantes, pois há a necessidade de sinalização mais adequada para que cheguem ao local, além da necessidade de identificação dos cuidados necessários para a preservação do Pinheiro.

Em 2019, a árvore esteve em discussão na Câmara dos Vereadores de Nova Petrópolis. Na sessão ordinária do dia 2 de setembro, os vereadores aprovaram o pedido de providências 046/2019, solicitado pelo vereador suplente, João, que é um dos entrevistados do presente artigo. Sobre isso, ele relatou que solicitou, em sessão da Câmara de Vereadores, que fosse contratado um biólogo para o caso, tendo em vista a necessidade de um maior cuidado para com o Pinheiro Multissecular e seu entorno, buscando conhecer melhor o próprio item e sua

estrutura. Para ele, isso deveria ser feito pela prefeitura, e o Executivo deveria tomar providências, mas João não tem conhecimento de que isso tenha sido feito até o presente momento.

Essa preocupação com a situação atual do Pinheiro foi apontada por João (2021), principalmente em relação ao estado da copa da árvore, devido aos raios:

Então caíam muitos raios muito naquelas regiões e como o pinheiro é o lugar mais alto é uma espécie de para-raios que atraia os raios e um raio desses cortou a copa dele. Então se achava que ele iria morrer. Acontece que ele é vigoroso e ao lado da copa brotou de novo e fez uma nova copa. Então por isso ele se rejuvenesceu e ainda produz pinhões. (JOÃO, 2021)

Depois, João (2021) completa: “e o que eu recomendaria para o setor público seria colocar lá um para-raios. Pelo menos seria uma medida interessante para conter os raios que querem matá-lo de certa forma”. Ainda sobre a preocupação em relação à saúde do Pinheiro Multissecular, Maria (2021) destacou o temporal que houve há cerca de 60 anos:

A segunda vez, eu testemunhei da janela de minha casa o temporal, com muito medo, por causa dos raios, e vi quando um o atingiu [Pinheiro] e derrubou a segunda copada, de cima para baixo. Nesta mesma ocasião, outras árvores no potreiro também foram derrubadas. Estes são os danos que considero *naturais*. Mas há os causados pelas mãos humanas. Tirar uma casquinha, levar para casa uma plantinha, coletar os nós de pinho, caçar orquídeas e samambaias, quem resiste... Os arredores do Pinheiro estão secos, antes era úmido e com uma grande variedade de musgos, avencas e assemelhados. (MARIA, 2021)

Ao longo da entrevista, Maria (2021) chamou a atenção para os danos gerados pelas “mãos humanas”. Sobre os temporais e danos naturais que o Pinheiro sofreu ao longo dos anos, Antônio (2021) destacou que “é de se admirar só que esse Pinheiro vai acabar, ele vai morrer. Um raio bateu na coroa principal e ele já está há anos seco e quem está mantendo essa árvore é o tronco dela. Ele é bem grosso”. Após mais um período de conversa, ele disse que: “A coroa principal do Pinheiro já está seca há anos e com o tempo a água penetra e vai descendo pelo Pinheiro. Eu estive lá a um tempo atrás e eu vi que tinha um tipo de serragem no chão de cupim” (ANTÔNIO, 2021).

Assim, percebe-se que agentes locais, comunidade e turistas atuam junto ao Pinheiro, de modo que as relações entre as relações entre o ambiente e os seres

humanos é um processo dinâmico. Nesse sentido, seguem as considerações finais do presente estudo.

Considerações finais

Neste texto, tratou-se de apresentar os entornos e as características do Pinheiro Multissecular; após, considerações sobre as lembranças acerca do Pinheiro ao longo das décadas, sua relação com moradores próximos a ele e com os visitantes que, ao passar dos anos, levaram o poder municipal e a própria comunidade de Linha Imperial a perceberem a importância do Pinheiro Multissecular e sua potencialidade turística. Aqui, destaca-se Peixoto (2002), que tematiza o reconhecimento externo sobre um bem cultural, e Meneses (2002), que aponta para a valorização do espaço rural se dar mais por visitantes externos.

As narrativas dos entrevistados que vivenciaram experiências ou presenciaram diferentes contextos relacionados ao Pinheiro Multissecular permitiram conhecer a paisagem que se constitui no passado e no presente.

Assim como o passado reavivado não é inerte, também a natureza não o é. A paisagem tem sido apropriada de diferentes formas ao longo do tempo, de modo que o Pinheiro se constitui em um bem cultural a partir de sua relação com diferentes grupos sociais em determinado contexto. Trata-se, portanto, de identificar que a análise não comporta a visão dicotômica entre homem *versus* natureza, mas como ambos os elementos se constituem mutuamente. As narrativas de reminiscências permitiram ver a relação entre os danos e a preservação de forma que o que, à primeira vista, poderia ser visto como inusitado, como o caso da doação do Pinheiro, passa a ser considerado como uma ação ordinária, se há compreensão da relação entre natureza e sociedade.

Por fim, considera-se fundamental buscar um entendimento do fenômeno histórico através da relação entre agentes humanos e naturais. O ambiente e a natureza passam a ser vistos como parte atuante, como agentes na história vivida pelas sociedades humanas, e não como itens inertes.

NOTAS

¹. Todos os entrevistados assinaram uma carta de cessão de direitos sobre a entrevista. A transcrição das entrevistas se encontra em arquivo pessoal das autoras.

². Cidade vizinha de Nova Petrópolis e inserida no roteiro turístico da Serra Gaúcha.

- ³. A Rota Romântica, implementada em 1996, abrange quatorze cidades localizadas entre a planície do Vale do Sinos e o Planalto da Serra Gaúcha, os quais apresentam diversos atrativos turísticos, sendo que o destaque é dado para os referenciais da cultura germânica e para os atrativos naturais. (ROTA ROMÂNTICA, 2021)

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Berenice. *Diário de Bordo Apoema*. Disponível em: http://apoema.com.br/diario_de_bordo_Apoema.htm. Acesso em: 7 jan. 2022.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANTÔNIO. Entrevista semiestruturada. Nova Petrópolis, 2021.
- BASSO, Clarissa Maria Grezzana. A Araucária e a Paisagem do Planalto Sul brasileiro. *Revista de Direito Público*, Londrina, v. 5, n. 2, p. 1-11, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/direitopub/article/view/7370>. Acesso em: 4 dez. 2018.
- CARVALHO, Miguel. *O desmatamento das florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações*. Florianópolis, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CARVALHO, Alessandra Izabel. Pinheiro-do-paraná: símbolo de identificação cultural ou emblema de uma história de desflorestamento? In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., Natal, 2013.
- DRUMMOND, José. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.
- IBGE. *Nova Petrópolis*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/nova-petropolis.html>. Acesso em: 5 mar. 2022.
- JOÃO. Entrevista semiestruturada. Nova Petrópolis, 2021.
- JOSÉ. Entrevista semiestruturada. Nova Petrópolis, 2021.
- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Maneta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- LUIZ. Entrevista semiestruturada. Nova Petrópolis, 2021.
- MARIA. Entrevista semiestruturada. Nova Petrópolis, 2021.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MORAES, A. C. R. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002.

- PEIXOTO, Paulo. *Os meios rurais e a descoberta do patrimônio*. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2002. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/175/175.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- PREFEITURA DE NOVA PETRÓPOLIS. *Como sentinela por mais de 500 anos*. Nova Petrópolis. 1982.
- PREFEITURA DE NOVA PETRÓPOLIS. *À família Grings*. Nova Petrópolis. 1982.
- PREFEITURA DE NOVA PETRÓPOLIS. *Pinheiro Multissecular*. Nova Petrópolis. 1998.
- ROTA ROMÂNTICA. *A Rota Romântica*. Disponível em: https://www.rotaromantica.com.br/pt_BR/. Acesso em: 10 mar. 2022.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- SARLO, Beatriz. *Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHMITZ, Arsênio José. *Uma nova imagem para Nova Petrópolis: estudos sobre a imigração e a aculturação*. Rio Grande do Sul: Amstad. 1975.
- SCIPIONI et al. The last giant Araucaria trees in southern Brazil. *Forestry Science*, v. 76, n. 3, p. 220-226, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sa/a/tN9hNdkcT4swNNvytnnyX7p/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- SEMINÁRIO SÃO JOSÉ. *Certificado*. Porto Alegre, 1932.
- SOUZA, Magda Vianna. *Reinvenção das tradições e promoção do turismo - estratégias diferenciadas de mercantilização da identidade cultural: os casos de Nova Petrópolis e São Francisco de Paula no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5743>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- THOMAS, P. *Araucaria angustifolia*. In: IUCN. The IUCN Red List of Threatened Species. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-1.RLTS.T32975A2829141.en>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- THOMPSON, Alistar. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias*. *Projeto História*, v. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216/8224>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- WINIWARTER, Verena. *Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos*. *Revista Abordagens Geográficas*, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2010. Disponível em: http://abordagensgeograficas.geo.puc-rio.br/media/Artigo_1.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.
- WOORTMANN, Ellen. *A árvore da memória*. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, p. 113-131, 1994. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6517/7566>. Acesso em: 10 out. 2020.
- WOORTMANN, Ellen. *Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 14, p. 205-238, 2000.
- WORSTER, Donald. *Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história*. *Ambiente e Sociedade*, v. 5, n. 2., p. 23-44, 2003.

Bárbara Birk de Mello é Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social e Graduada em História pela Universidade Feevale, em Nova Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Bolsista pelo PROSUC/CAPES.

Roswithia Weber é Professora dos Cursos de História, Design e Turismo da Universidade Feevale, em Nova Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Doutora e Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). É membro do Instituto Histórico de São Leopoldo.

Como citar:

MELLO, Bárbara Birk de; WEBER, Roswithia. Rememorações sobre o Pinheiro Multissecular no sul do Brasil. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 1, p. 276-298, jan./jun. 2022. Disponível em: pem.assis.unesp.br.